

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 08

Data: 3 de Março de 1978 Pg.: _____

3.5.78 ESC

Jari, empreendimento modelar

A chegada ao porto de Munguba, sobre o rio que separa o Amapá do Pará, de uma usina termelétrica e de uma fábrica de celulose trazidas do Japão em balsas fez o "projeto Jari" voltar às manchetes. Até hoje a imprensa só se ocupava desse projeto para falar em exploração estrangeira, em escravização de operários, etc. Agora, louva a tenacidade do sr. Daniel Ludwig, este empresário norte-americano que, acedendo ao convite feito em 1964 pelo ministro Roberto de Oliveira Campos, se lançou, sem ajuda do governo, numa aventura que está gerando um dos principais pólos de desenvolvimento do Norte do País. Um dia se escreverá, certamente, a crônica das tribulações que esse empresário teve de arrostar para fazer investimentos que até 1990 deverão ser superiores a 1 bilhão de dólares e propiciar a formação de um núcleo populacional de mais de 100 mil habi-

tantes. Sem ajuda governamental (salvo a inclusão do projeto de celulose no Befiex), formou ele uma floresta artificial de 100 mil hectares, plantou arrozais (com área programada de 14 mil hectares) que registram a maior produtividade do País, formou pastagens para quase 12 mil cabeças de gado e montou uma usina para beneficiar o caulim, de uma mina por ele mesmo descoberta, e que deu ao Brasil o terceiro posto entre os países que exportam caulim. Agora, ao cabo de dois anos de esforço, instala em plena selva amazônica uma fábrica capaz de produzir por dia 750 toneladas de celulose, destinadas à exportação. Para levar avante seus empreendimentos, este multimilionário, que poderia gozar na tranquilidade o tempo de vida que lhe resta, teve de construir uma ferrovia de 270 quilômetros de extensão e dragar o leito do rio Jari ao longo de 80 quilômetros. Seus em-

preendimentos, que já asseguram emprego a mais de 6 mil pessoas, proporcionaram à indústria nacional oportunidade de vender-lhe tratores, locomotivas, vagões, aviões e uma infinidade de outras máquinas e equipamentos. A usina de beneficiamento de caulim já exporta o equivalente a 8 ou 10 milhões de dólares por ano. A primeira usina de celulose, que entrará em atividade no fim do ano, exportará o equivalente a 80 milhões. Outras fábricas — de compensados, laminados, mais uma de celulose e, talvez, uma de alumínio — deverão juntar-se às existentes e fortalecer, no futuro, as receitas cambiais do País. O empreendimento do Jari, que já é mais do que mero projeto, mostra como se pode, em pouco tempo (a gleba foi comprada em 1967), transformar uma vasta área. Mostra também que,

naquela região, não se deve pensar com a fronte estreita. As necessidades de investimentos na infra-estrutura são colossais, e compatíveis somente com empreendimentos que conjuguem diversas atividades: pecuária, reflorestamento, agricultura, mineração e indústria. Projetos menores são também viáveis; mas sua viabilidade depende, certamente, dos de grande porte, como este. Seria preciso pensar-se também na questão do produto similar nacional. Em certas condições, que o governo finalmente reconheceu, essa liberalidade é necessária, e a própria indústria nacional dela se aproveita. Finalmente, o sr. Daniel Ludwig provou que nem sempre são necessários incentivos para se executarem grandes projetos. Requer-se apenas a compreensão, por parte do governo, da importância sócio-econômica de certos empreendimentos.